

3.<sup>a</sup> SESSÃO: COOPERAÇÃO AGRÍCOLA

Discutir hoje a agricultura portuguesa sob o ponto de vista da cooperação coloca, parece-nos, dois grandes tipos de questões — as mais imediatas, que têm a ver com a consolidação e a difusão do movimento cooperativo na agricultura, e as que se prendem com o problema da *transformação* deste sector importante da nossa economia.

Estas duas preocupações estiveram presentes na sessão sobre Cooperação Agrícola.

A primeira ordem de questões reflectiu muitos dos problemas (alguns deles verdadeiramente urgentes) que as cooperativas têm que superar, nomeadamente as que decorrem da conjuntura do crédito em Portugal, das exigências desenraizadas da realidade cooperativa que a legislação sectorial e o código cooperativo impõem, da importância que a ajuda técnica e a intercooperação representam no *arranque* e na consolidação das pequenas cooperativas.

Foram discutidos os parâmetros a que uma política de crédito potencializadora de desenvolvimento deveria obedecer (crédito prioritário, beneficiando de bonificações máximas) e do papel central que às cooperativas deve ser conferido (cf. comunicação de Belmiro Moita da Costa).

A intercooperação, sendo um princípio norteador do movimento cooperativo (já consagrado como tal pela Aliança Cooperativa Internacional), foi também outro ponto central desta sessão. Joel Figueiredo, intervindo no painel introdutório, referiu-se ao papel decisivo que o apoio técnico (que, por vezes, nem precisa de representar um grande esforço por parte de quem o faculta) pode ter como elemento de arranque e consolidação das formas cooperativas de menor dimensão. E são já vários os exemplos que revelam os excelentes resultados obtidos.

Mas a acção cooperativa na agricultura, devendo reflectir a luta quotidiana com objectivos de superação de uma situação desfavorecida que se exemplifica pela degradação dos termos de troca do sector, é também, e essencialmente, um projecto

global. A ele se associam as reais possibilidades de transformação que o sector agrícola comporta.

O problema da pequena agricultura em Portugal não está em ser *pequena* ou de base *familiar*. De resto, os modelos europeus, com que constantemente nos é sugerida a comparação, não são nem de base *patronal* nem de *grande* agricultura.

O problema da agricultura portuguesa não está também na *inviabilidade* que se lhe apregoa — o problema está na transformação que se queira *realizar*.

Foi neste contexto que se assinalou nesta sessão a capacidade que a agricultura possui para melhorar as produtividades e para proceder às adequações culturais necessárias à transformação. Embora fosse também sublinhado que este caminho tem obstáculos — nomeadamente os que decorrem da crescente *industrialização* dos produtos agrícolas ou de projectos que conduzem a formas desequilibradas de gestão dos recursos. É também face a estes obstáculos que a acção cooperativa ganha importância.

José Reis